

pelo teórico e crítico francês Roland Barthes em diversas passagens de sua vasta obra. Acreditamos que a escrita da autora insere-se no campo da escritura ao erguer-se por meio de uma inserção autoral marcante, pois, ao mesmo tempo que ela se posiciona de forma reflexiva e crítica, assume-se como leitora conduzida pelos saberes e sabores da leitura das narrativas de Saramago. Essa voz de leitora transparece nas análises que realiza, de modo a deixar-se “contaminar” pela palavra poética, dando relevo a uma mistura plena entre o discurso utilitário e o estético.

O livro, que se encontra em destaque na Casa dos Bicos – Fundação José Saramago –, acrescenta muito à fortuna crítica de José Saramago, em virtude de oferecer ao leitor uma tese coesa e de desenvolver de forma pertinente e elucidativa através de variados excertos retirados dos livros em análise. O fato de a autora colocar em relevo diversos trechos dos romances faz com que os seus argumentos críticos sejam contrabalançados pelas palavras de Saramago, conferindo ao estudo um equilíbrio entre leveza e profundidade. Nesse sentido, acreditamos que o horizonte de recepção do livro é amplo, porque serve tanto para os leitores que iniciam suas leituras da obra de Saramago como para aqueles que já convivem há mais tempo com essa obra, instigando novos olhares sobre os movimentos intertextuais nela existentes.

Marisa Gama-Khalil

LITERATURA E ENSINO DO PORTUGUÊS

JOSÉ CARDOSO BERNARDES

e RUI AFONSO MATEUS

Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013

144 páginas ISBN: 978989-662262

Literatura e Ensino do Português é um livro cujo título não deixa margem para dúvidas quanto às suas pretensões, e esta clareza fica patente pela objetividade com que os autores tratam o tema. A divisão feita em três capítulos, precedido de uma introdução e fechado por conclusões, não significa uma compartimentação ortodoxa, mas uma configuração didática na melhor acepção do termo. O texto é direto, sem ser simplista; contundente nas afirmações, sem arrogância; certo nas críticas, mas ciente de que o ensino da língua e da literatura é um processo complexo e que tudo o que foi feito até o momento em Portugal trouxe contributos importantes, apesar dos erros naturais que acontecem em qualquer percurso.

O primeiro capítulo analisa a constante depreciação que a literatura vem sofrendo no espaço escolar e que se repercute, ao fim e ao cabo, na vida adulta do estudante com sequelas evidentes na sociedade portuguesa. A crise da literatura não é exclusiva de Portugal e a ilustre companhia dos demais países europeus não diminui as preocupações manifestadas pelos autores. Na verdade, a crise é das humanidades, como corretamente apontam Bernardes e Mateus, que creditam a atual situação à saída de

cena do “Latim e das três artes discursivas (o célebre *trivium*, composto pela Gramática, Retórica e Dialética) que ocorreu um pouco por toda a Europa em meados do século passado” (p. 20).

Segundo os autores, o corte sofrido por esses saberes demonstra o pragmatismo das sociedades contemporâneas, mas não significa que as pessoas estejam indiferentes em relação à literatura e lembram a comoção ocorrida em 2001 quando foi cogitado que o espaço dedicado a *Os Lusíadas* fosse diminuído nos programas escolares. Lembrança louvável, porque prova que o texto não pretende exercer a crítica pelo prazer de criticar, mas evidencia a intenção de uma análise isenta.

Este exemplo demonstra uma das qualidades da obra: a análise é equilibrada, o que faz com que as críticas sejam pertinentes porque os autores estão cientes que as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea são incontornáveis e o texto não demonstra qualquer ranço de saudosismo ou de lamento pelas circunstâncias atuais. Já no primeiro capítulo os autores apontam uma solução: a necessidade de recuperação da importância da cultura literária, conceito desenvolvido na segunda parte da obra.

Neste segundo capítulo, Bernardes e Mateus desenvolvem sobre o benefício que a associação entre língua e literatura traria para a formação dos alunos, pois o divórcio entre esses dois conhecimentos irmãos é um provável resultado do desaparecimento do *trivium* já

aludido. O estudante que conviver com a Gramática, com a Retórica e com a Dialética, em direta comunicação com a Literatura, será um adulto mais bem preparado para a vida, independentemente da carreira que for seguida futuramente.

A contextualização dos textos literários, outra defesa da dupla de autores, também contribui para o robustecimento intelectual e cultural desse estudante que hoje, regra geral, enxerga as Ciências Humanas como uma atividade meramente lúdica. A defesa dos contextos históricos e das ideias presentes nas obras literárias complementam a formação dos alunos de uma maneira que integra a literatura com outros saberes como as ideologias, as estéticas, as artes plásticas, o cinema e a música. Tudo isso contribuindo para um melhor conhecimento da língua.

Enquanto o capítulo segundo é bastante amplo e completo, o terceiro é demasiado curto e é o único reparo que o livro merece. Este capítulo trata de uma etapa fundamental nesse processo de recuperação das humanidades nas escolas portuguesas: a formação dos professores, e é pena que seja tão breve. Os “adversários” da língua e da literatura são muitos e o papel dos professores é fundamental para enfrentar a forte concorrência sofrida pelos livros. Ainda assim, os autores são bem sucedidos quando analisam a necessidade de os professores serem *humildes* no exercício da sua profissão, tanto em relação aos alunos, quanto na necessária compreen-

são da importância do aprofundamento nos estudos e de aperfeiçoamento constante em atividades de formação: “A verdadeira humildade só se robustece com a tentativa de conhecer. Só perseverando nessa gostosa escalada nos apercebemos do muito caminho que sempre nos faltará percorrer” (p. 117).

Os objetivos do livro estão assentes na introdução: “induzir nos alunos o gosto e o hábito de conviver com os livros” (p. 17) e as conclusões reforçam as propostas contidas nos capítulos anteriores.

O ensino da literatura precisa de uma nova abordagem, e os autores propõem algumas. Certamente haverá quem não concorde com todas, mas a situação pede algo além dos diagnósticos, e os autores oferecem aos interessados nos rumos da educação literária possibilidades de tratamentos com sobriedade, critério, espírito crítico e – acima de tudo, e presente nas entrelinhas – paixão pelo ensino do patrimônio linguístico e literário do País.

Roberto Loureiro

**NATURALISMO: OLHARES CRUZADOS =
NATURALISME: REGARDS CROISÉS.**

KELLY BENOUDIS BASÍLIO (org.)

**Edições Húmus, Ribeirão (Famalicão), 2012
322 páginas ISBN: 9789897550300**

O volume aqui recensado, com o título bilingue de *Naturalismo: olhares cruzados. Naturalisme: regards croisés*,

datado de dezembro de 2012, apresenta-se como a terceira parte de um tríptico, também constituído por *Naturalismo(s) ACT 21* (2011) e *Naturalismos. De Lucrécio a Lobo Antunes* (2012). Na sua origem está um colóquio com o mesmo título, realizado em Lisboa, em dezembro de 2010.

De acordo com Kelly Basílio, a organizadora da obra, este terceiro contributo retoma o objetivo das iniciativas anteriores – de revisitação da noção de Naturalismo numa perspetiva comparatista –, centrando-se especificamente na aceção oitocentista e artística do termo, muito dependente, como é sabido, da doutrinação estética e do proselitismo de Émile Zola.

Na realidade, o naturalismo literário alicerça-se nas obras de Flaubert, de Zola e dos irmãos Goncourt, mas foi o autor de *L'Assommoir* que soube rodear-se de discípulos entusiásticos, e que codificou e projetou o Naturalismo como um dos primeiros ismos modernos, dotado de uma assinalável coerência ideológica e técnica. Objeto de censura académica tanto na sua época como em fases posteriores, o Naturalismo teve, no entanto, através dos seus principais autores, uma enorme repercussão pública. O balanço que pode ser feito, mais de cem anos decorridos sobre *les funérailles du naturalisme*, para utilizar a expressão de um dos seus principais adversários coevos, o escritor católico Léon Bloy, tem necessariamente de reconhecer-se que, se ideologicamente o movimento teve